



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A LITERATURA INFANTIL E SUAS FUNÇÕES: OS PEQUENOS LEITORES FRONTEIRIÇOS EM CORUMBÁ-MS

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Lucilene Machado Garcia Arf

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL)

RESUMO: A partir das indagações do projeto de mestrado em andamento, a cerca de como é ser criança boliviana estudante no Brasil é que desenvolvemos este artigo com o intuito de refletir sobre práticas de literatura infantil em uma Escola de Educação Integral Rural situada no Assentamento Tamarineiro I na região do Jacadigo, a 15 km do perímetro urbano em Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Trata-se de uma vivência literária com crianças entre 7 e 10 anos que se objetivou através da literatura infantil boliviana, estimular a criatividade, indagações, fantasias, realidade no sentir-se fronteiriço, enfatizando a perspectiva humanizadora da literatura. A criança é espontânea e expressa seus pensamentos e sentimentos de forma lúdica. A literatura aborda esses aspectos, aproximando-se do imaginário e do cotidiano infantil, possibilitando assim, a identificação da criança com a literatura e construção de identidades. A educação no contexto de fronteira é marcada, sobretudo, por desafios, caracterizados por escolas que vivem geograficamente próximas da fronteira, mas pedagogicamente distante. Caminhando nesse elo: fronteira, leitura, poder da literatura e construção da identidade, é que se procurou, nesta intervenção, conceituar os temas de maneira interligada, pontuando questões empíricas através da vivência literária com as obras infantis boliviana “Horacio y sus amigos” e Juanito y los frijoles mágicos”. Ao pensar a escola como um espaço de práticas de alteridade com função integradora que lhe é fundante quanto à constituição identitárias de crianças e jovens, a literatura infantil passa a ser a principal porta de acesso ao mundo da leitura, como podemos perceber a criança e a literatura infantil compartilham da mesma natureza ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras e tais afinidades fazem com que a literatura seja o mais poderoso aliado do professor e da criança pela vida afora na busca da compreensão do mundo e do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; fronteiriço; criança.

INTRODUÇÃO

Sabemos que leitura é um tipo específico de comunicação, é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural. A leitura perpassa todas as áreas do conhecimento e a vida do ser humano, sendo uma forma de o homem se situar no mundo, dinamizando-o.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A Literatura é linguagem e, como tal, cumpre juntamente com outras artes, um papel comunicativo na sociedade, podendo tanto influenciar o público quanto ser influenciada por ele. A literatura nos permite "viver" outras vidas, sentir, outras emoções e sensações, e nos oferece determinada trégua dos problemas cotidianos a medida que descortina o espaço do sonho e da fantasia. Como proferiu Roland Barthes (1977), “a literatura assume muito saberes”, e são esses saberes enraizados na cultura local que contribuem para moldar a identidade dos que “transitam” na fronteira oeste de Brasil-Bolívia.

O livro permanece ainda hoje como a forma mais importante para a criação, transmissão e transformação da cultura. Apresento este trabalho a partir das experiências literárias com crianças entre 7 e 10 anos na Escola Municipal Rural de Educação Integral “Eutrópia Gomes Pedroso”, situada no Assentamento Tamarineiro I na região do Jacadigo, a 15 km do perímetro urbano em Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia.

A fronteira que vamos falar é a do município de Corumbá situado no extremo Oeste de Mato Grosso do Sul, na fronteira Brasil-Bolívia. Dentro do território brasileiro, Corumbá é um município com aproximadamente 70 mil km². Localizada a 410 km de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, a 600 km de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Cerca de 5 km de Corumbá, no território boliviano que pertence ao Departamento de Santa Cruz, estão situados Puerto Quijarro, um pequeno município da Província de Germán Bush, formado por dois distritos – Puerto Quijarro e Arroyo Concepción. Esse espaço configura-se como ponto estratégico do principal contato entre bolivianos e brasileiros.

Quando se discute fronteira, precisa-se delimitar de que fronteira está se falando, pois a mesma tem um poder polissêmico. Aqui ela é entendida como uma fronteira vivida com significado e significação do olhar de quem vive na fronteira (NOGUEIRA, 2005).

Os fronteiriços olham a fronteira como a sua morada, onde acontece o seu cotidiano, seu ritmo, suas relações de afetividade, emergindo de tal forma o seu lugar. Conforme Pereira (2003) as pessoas que vivem nas fronteiras não partilham apenas o território, mas toda uma cultura, elas deixam de pertencer a um ou outro país e passam a construir uma identidade fronteiriça.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Participaram dessa atividade 30 crianças entre 7 a 10 anos matriculados do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental dentre a esse número de alunos, 23 são imigrantes pendulares, residentes na Bolívia.

A CRIANÇA NO CONTEXTO DA LEITURA: CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE FRONTEIRIÇA

Ler, principalmente nos primeiros anos da escola, é uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de textos, ou talvez até mais importante. No mundo em que vivemos é muito mais urgente ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Ainda mais: há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo pessoas que vivem nas cidades precisam saber ler pelo menos placas de ônibus, números, nomes, etiquetas, documentos, etc... Podemos dizer que a leitura tem várias finalidades dentro da sociedade: lê-se para conhecer, para ficar informado; para fantasiar e imaginar; lê-se para achar soluções de problemas e ainda se lê para criticar, e dessa forma, melhorar seu posicionamento diante dos acontecimentos e das ideias que circulam através do texto.

Precisamos de leitores que conheçam na literatura seu valor social e que, acima de tudo, aprendam a falar com o texto e, através dele, estabeleçam reflexões para a vida; que também encontrem em suas leituras oportunidades de prazer e de lazer. Há algum tempo o leitor era instruído apenas para decodificar sinais gráficos, através de questionários, resumos ou preenchimentos de fichas de leitura. Hoje busca-se o leitor criador, crítico e contestador. Não se quer mais o texto decodificado e sim recriado e ampliado.

Para a realização deste trabalho utilizamos a observação participante, assim denominada por André (2000, p. 28) que diz: “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”.

A observação participante ocorreu em dois momentos, organizados em função dos seguintes eixos: a) acesso ao livro e leitura livre do acervo literário boliviano; b) acesso ao texto literário (livro) via mediação do pesquisador. Nessa perspectiva, optamos pelas estratégias de favorecer o acesso ao acervo literário para melhor compreensão dos modos/formas expressas pelas crianças sobre as obras, pelo fato dos



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

textos literários estarem na língua espanhola. Sendo estes sujeitos crianças, assumimos o pressuposto de dar-lhes vez e voz, focalizando suas ações e falas mediante ao contato com as obras.

Segundo Aguiar e Bordini (1988), o livro é o instrumento que expressa todo e qualquer conteúdo humano individual e social de forma cumulativa. A partir da leitura o indivíduo é capaz de compreender melhor sua realidade e seu papel como sujeito nela inserido. Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos.

Destacamos que o segundo momento da observação participante foi mais dirigida, uma vez a mediação foi iniciada desde a escolha dos títulos que foram lidos em “Sessões de leitura”. Durante o processo de coleta de dados, o desafio foi fazer o diálogo entre a observação e a interação das crianças com as obras literárias bolivianas, uma vez que, além de observar as atitudes de leitura das crianças, também se indagava a respeito dos “porquês” na perspectiva de que explicassem escolhas de títulos, modos de ler, inferências feitas, colocando em evidencia o lugar da criança lendo, interagindo com o livro, a leitura, os seus pares e o adulto. Alunos e pais assinaram o termo de Assentimento Livre e Esclarecido para participação nas atividades e uso de imagem para fins de pesquisa.

Quando observamos uma criança no seu dia-a-dia, percebemos que ela brinca, inventa, produz e estabelece relações sociais que muitas vezes diferem da lógica de cultura que possui o adulto. Com o tempo ela acaba aprendendo, ajustando-se ao padrão social que já está estabelecido pelos adultos, ou melhor, por toda a sociedade. Por meio da linguagem possibilitaremos que igualmente a natureza social das pessoas se torne sua natureza psicológica.

Segundo Yunes (1995), leitura pressupõe fruição; ler é um ato que permanece vivo mesmo após o final da leitura, ficando internalizado no interior de quem lê. O ato de ler é inesgotável, continua a transmitir as sensações após o seu “suposto” término.

Sobre o conceito de leitura, são pertinentes as palavras de Leite (1988, p. 91):

A leitura, na verdade, é uma arte em processo. Como Goethe, poderíamos todos reaprender a ler a cada novo texto que percorremos. Mas há sobretudo muito a aprender quando percebemos que ler não é apenas decifrar o impresso, não é um mero “savoir-faire”, a que nos treinaram na escola, mas ler é questionar e buscar respostas na página



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

impressa para os nossos questionamentos, buscar a satisfação à nossa curiosidade.

A Escola Municipal Rural de Educação Integral “Eutrópia Gomes Pedroso, carrega duas particularidades: ser escola rural e abrigar um número significativo de alunos residentes no país vizinho. Primeiramente, cabe esclarecer que o aluno boliviano só pode estudar no Brasil com a permissão da Polícia Federal, que expedirá um documento para tal, Constituição Federal Brasileira, lei n. 6.815, 19 de agosto de 1980 (BRASIL, 1998).

Outro fato importante a pontuar é corrigir aquilo que foi estereotipado nesses alunos, até mesmo por pesquisadores: bolivianos que estudam no Brasil. Uma vez que todos, ou a maioria deles, são documentados, com registro de nascimento no Brasil o qual lhes garantem a nacionalidade brasileira.

Assim, muitos estudantes chamados bolivianos, na verdade, pelo documento, são brasileiros residentes na Bolívia, chamados também como imigrantes na condição de pendulares como aqueles que habitam em região de fronteira, morando na Bolívia e estudando no Brasil, e retornando aos seus lares, dando a esse movimento, conotação de cotidiano.

Na fronteira, a vida é tecida por relações, e o fortalecimento dessas, deve ser compreendido como uma necessidade no cotidiano. Corumbá tem o viver da cidade fronteiriça, com as multiplicidades dos sentidos de pertença, nesta perspectiva que a literatura é de grande importância para compreensão da realidade social, pois nela estão as verdades de uma mesma condição humana, o que possibilita ao homem, ao ver seus costumes retratados, uma reavaliação da postura que assume.

O autor Antônio Cândido (2000), relata que a literatura exerce influência no receptor, o que faz da literatura um instrumento poderoso de mobilização social. A Literatura, por relatar os mais diversos aspectos da vida do homem, torna-se importante aliada na construção da identidade e compreensão da relação que o homem obtém com o espaço.

Abordar a literatura como aproximação de culturas, é expressar o subjetivo do ser fronteiriço, ir além de limites geográficos e diferenças culturais, que são frutos de fluxos constantes dos que as atravessam, para desvendar os personagens, muitas vezes, derivadas de conflitos de classe, e de tensões étnicas presentes no território latino, pois



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

os que vivem na fronteira não partilham somente o território, mas sim o pertencimento de culturas e assim o constructo da identidade fronteiriça.

Neste cenário fronteiriço tudo se mistura no movimento do ir e vir diário. Como disse o teórico Milton Santos (1982) “ O conhecimento e o saber se renovam do choque de culturas”. Essas relações de partilhas e trocas culturais que acontecem na fronteira oeste Brasil-Bolívia constituem o cotidiano, a Literatura não tem o poder de modificar a realidade, mas é capaz de registrá-la e de fazer com que os leitores/fronteriços reavaliem a própria vida e seus comportamentos, identificando-se com as diferenças e desenvolvendo uma consciência cultural mais ampla.

A leitura tem esse papel social, haja vista que promove a autonomia e contribui para as práticas sociais dos indivíduos. Os leitores interagem com aquilo que lêem (tomam nota, refletem, criticam, emocionam-se) e isso faz com que as experiências de leitura evoquem vivências pessoais e proporcionem-lhes a reflexão sobre a própria identidade, reconstruída experiência de vivente na fronteira, como afirma Loiva Félix que “A identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo” (FELIX, 1998, p. 42).

Para Vygotsky (1994) o desenvolvimento cultural da criança apresenta-se através de dois níveis, primeiro em nível social e, mais tarde, em nível individual. Esse processo de transformação é encarado por ele como passagem de um processo interpessoal para um processo intrapessoal, ocorrendo na consciência da criança uma série de transformações qualitativas. Estas não se resumem apenas em analisar e entender o mundo interno; trata-se também de resgatar o mundo externo no mundo interno, ou melhor dizendo, resgatar a interação da criança com a realidade.

Com a proposta de inserir a literatura infantil boliviana no contexto escolar dos alunos dessa escola de fronteira, o acervo composto por diversas obras literárias bolivianas infantis nacionais e estrangeiras, foram colocados sobre uma mesa, estratégia pensada para que as crianças tivessem vontade de ir a escolha de um livro. As obras por estarem na língua espanhola foram motivos de olhares, seguidos de manuseio para ver as figuras e invenção de histórias, sempre iniciadas pela expressão “era uma vez”. Outras iniciativas foram observadas, indo do simples folhear, ao partilhar palpites; risos provocados pelas imagens, lembranças por já conhecer a história.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'



Figura 1- Acervo literário bolivianoFonte: Autora, setembro de 2019.



Figura 02- sessões de leituras. Fonte: Autora, setembro,2019.

[...] Uma criança pediu que lêssemos a história “ Ollantay” história sobre uma princesa Inca, demonstrando suas curiosidades pelo diferente, haja vista que no acervo tinham bastante obras tradicionais de princesas. A leitura atraiu outras crianças que se aproximaram para escutá-la.

Brincar, fantasiar, questionar é a forma utilizada por essa criança para conhecer e explorar a sua realidade, para construir os seus conhecimentos.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'



Figura 03- Momentos “Pequenos Leitores Fronterizo”. Fonte: Autora, setembro de 2019

[..]. As crianças que não entendiam o espanhol procuravam as outras que compreendiam para que explicassem o significado de alguma palavra, ou até mesmo para ler a história. Conforme Solé (1998), a prática de leitura se dá como um processo de descoberta que facilita a interação leitor-mundo que se desenvolve na relação que ele estabelece com outras leituras e reflexões.



Figura 05- lembranças da história. Fonte: Autor, setembro de 2019.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'



Figura 06- história: *Horacio y sus amigos* (Leonardo Cardozo) Fonte: Autor, setembro de 2019

Dentro de uma perspectiva sócio interacionista onde Vygotsky enfatiza que a relação do homem com o mundo não é direta, mas mediada – mediada porque existe intervenção de outras pessoas, auxiliando no desenvolvimento do indivíduo.

Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver. Zilberman (1990, p. 19) assegura que “o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências”.

Nessa perspectiva que Maria da Glória Bordini afirma que “ ler é conhecer, mas também conhecer-se; é integrar-se em novos universos de sentidos; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é descobrir e atualizar potencialidades” (BORDINI, 1985, p. 27).

Essa concepção de leitura como ato emancipatório ultrapassa os limites da escola, permitindo ao leitor a continuidade e o aprofundamento do seu conhecimento de mundo muito além do período de escolaridade.

Logo após as sessões de leitura, o “Pequeno Leitor Frontericho” era convidado a conversar sobre, sem fins didático-pedagógica, considerando que a leitura tem valor em si mesma, e não necessita desenvolver atividades maçantes e repetitivas depois de cada leitura, é muito bom ler apenas pelo prazer de ler e compartilhar, quando se quer, com os colegas as emoções da leitura. E algumas crianças decidiram ampliar esse prazer do conhecimento da literatura infantil do país vizinho através de desenhos:



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'



Figura 07- História: "Juanito y los frijoles mágicos" Fonte: Autor, setembro de 2019.



Figura 08- "Horacio y sus amigos" Fonte: Autor, setembro de 2019.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfases da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'



Figura 09- Produções livres da obra *Horacio y sus amigos*. Fonte: Autor, setembro de 2019.



Figura 10- “Pequenos Leitores Fronteriços” Fonte: Autora, setembro de 2019

Sabemos que a literatura infantil nasceu de mãos dadas com a pedagogia e dela não conseguiu libertar-se inteiramente até hoje. Os primeiros textos destinados às crianças foram escritos por pedagogos que se utilizavam deles com fins pragmáticos, sempre com o intuito de ensinar alguma coisa. Tal concepção utilitária da literatura está ainda hoje bastante viva. No entanto, conforme afirma Regina Zilbermann, “[...] o jovem não quer ser ensinado por meio da arte literária”. (ZILBERMANN, 1981, p. 16).

Essa, com certeza, não é a sua função. É importante que não se confunda a função formadora da arte com a missão pedagógica, adverte ainda a autora, o que se



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

deve exigir da literatura infantil, antes de tudo, é que ela seja de fato literatura, e com poder de transformação à quem ela destina-se, e dentro do contexto fronteira, que ela seja capaz de aproximar culturas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considera-se a escola como um espaço de práticas de alteridade com função integradora que lhe é fundante quanto à constituição identitárias de crianças e jovens. A literatura infantil é a principal porta de acesso ao mundo da leitura, como podemos perceber a criança e a literatura infantil compartilham da mesma natureza ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras e tais afinidades fazem com que a literatura seja o mais poderoso aliado do professor e da criança pela vida afora na busca da compreensão do mundo e do ser humano.

Nesse sentido, os preceitos da educação que partem das situações cotidianas dos alunos levam-nos à compreensão de que os saberes culturais que levam em consideração as interações entre as crianças e o meio a qual estão inseridas são altamente necessários quando discutimos a educação em uma cidade fronteiriça.

Nesse sentido, compreende-se que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social e na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, (VIGOTSKY, 2003). A constituição do sujeito é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação é realizada de maneira informal. A educação é mais do que sistematização e apropriação do conhecimento, pois o espaço educativo quer seja no meio familiar, na escola, ou em outros contextos da sociedade é sempre uma prática social

Ainda que embrionário, este estudo pretendeu abordar a literatura como aproximação de culturas. A literatura como tem o poder de falar ao coletivo, ela nos aproxima e nos iguala, diminuindo as intransigências existentes em culturas diferentes dentro de uma sociedade e lugar. E as práticas culturais nesse espaço fronteiriço de trocas e vivências compartilhadas, passa a ter mais empatia, pois ao se ver e sentir-se fronteiriço, as diferenças e preconceitos acaba sendo suplantado pelo entendimento que a diversidade faz parte do processo de construção de uma sociedade e respeitar as diferentes formas de pensar e ser que nos tornam humanos.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

As contribuições que a literatura, oferece ao ser fronteiriço são múltiplas, proporcionando oportunidades de enriquecer o convívio social entre bolivianos e brasileiros, que vai muito além de trocas comerciais e poder de moedas, mas que estas também ampliam essas relações, como exemplo os fins de semana de Corumbá com grande fluxo de bolivianos em barzinhos, cafés, restaurante, onde os saberes se misturam, as línguas, os costumes, onde o “vizinho” aprecia uma “boa” feijoada ou também tem o prazer de encontrar os pratos típicos de seu país.

Talvez essa integração solidifica-se com mais intensidade a partir de incentivos a produções literárias fronteiriças e, dessa forma, a leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e experiência torna-se primordial na formação do indivíduo e do ser fronteiriço. Pessoas afeitas à leitura, aptas a penetrar os horizontes veiculados em textos mais críticos, são pessoas capazes de melhor desempenho em suas atividades e apresentam melhor aptidão para o enfrentamento dos problemas sociais.

Se, por um lado, a leitura pode ser um instrumento de dominação, por outro, é um instrumento de cidadania. E, muito embora a leitura não seja o único caminho para a cidadania, ela constrói a cidadania à medida que o homem se constrói dentro dessa sociedade, e para que isso ocorra, faz-se necessário o conhecimento, uma forma de poder e uma fonte de sobrevivência, compreendendo que a literatura amplia conhecimentos e a maneira de entender o mundo que nos circunstância, pois a identidade do ser fronteiriço se constrói a partir das relações humanas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. de; BORDINI, M. da G. **Literatura:** a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRÉ, M, E. D. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papyrus, 1995.

BORDINI, M. G. Literatura na escola de 1º e 2º grau: por um ensino não alienante. **Perspectiva –Revista do CED.** Florianópolis, 1985.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura.** SBPC, v. 24, n. 9, set. 1972.

FÉLIX, L, O. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

- LEITE, L. C. M. **Invasão da catedral:** literatura e ensino em debate. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: espaço de referência identitária. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 1, n. 2, dez-2007.
- PEREIRA, J. H. do V. Fronteiras étnico-cultural e geográfica: Indagações para educação sobre a (re) construção identitária de sujeitos migrantes. **Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Educação**, n. 21. UFMS/CAPES, 2003, p. 1-15.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZILBERMAN, R.; SILVA, E, da. (org.). **Literatura e pedagogia:** ponto e contraponto. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. Global, São Paulo, 1981.
- YUNES, E. L. M. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista de Letras**. Curitiba, n. 44, 1995.